

Nelle conclusioni, con l'aiuto di utili tabelle esemplificative, si riassume il numero degli oggetti della collezione egizia e, per quanto possibile, la loro origine, mentre si lamenta la mai perseguita idea della creazione di un Museo di Antichità egiziane.

A seguire l'esauriente bibliografia, l'indice delle tavole del testo e due appendici: l'Appendice documentale, costituita da 14 riproduzioni di documenti in bianco e nero e l'Appendice fotografica, che fornisce le riproduzioni di gran parte degli oggetti indagati con 15 immagini a colori.

Chiudono il testo due prospetti sinottici e riassuntivi: il Prospetto essenziale della formazione della collezione egizia e il Prospetto attuale della consistenza della collezione egizia del Museo Civico Archeologico di Modena.

Il presente volume costituisce la base scientifica per il catalogo recentemente edito da Cristina Zanasi (a cura di), *Storie d'Egitto. La riscoperta della raccolta egiziana del Museo Civico di Modena*, Firenze 2019. Zanasi tuttavia, indica per gli oggetti EG44, 49, 51 (et EG01 a p. 82) un'erronea provenienza da "Acquisti Le Beuf", confusione da ritenersi puramente numerica.

Il libro si rivolge ad un pubblico prettamente scientifico, e quindi utilizza deliberatamente un linguaggio più ricercato.

**MARCELLA BOGLIONE**

marcella.boglione@iaw.unibe.ch

Universität Bern, Institut für Archäologische Wissenschaften,

Abt. Archäologie des Mittelmeerraumes

<https://orcid.org/0000-0002-6412-3654>

[https://doi.org/10.14195/2183-1718\\_75\\_8](https://doi.org/10.14195/2183-1718_75_8)

CORNELLI, Gabriele; Fialho, Maria do Céu; Leão, Delfim (Eds.), *Cosmópolis: mobilidades culturais às origens do pensamento antigo*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra-Annablume Editora, 2016, 308 pp. ISSN: 2182-8814; ISBN: 978-989-26-1287-4; ISBN Digital: 978-989-26-1288-1; DOI: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1288-1>

Recensão submetida a 31-07-2019 e aprovada a 17-10-2019

Seguindo uma tendência muito louvável da investigação em estudos clássicos, quer no cenário lusófono como no internacional, o volume em

epígrafe resulta de um projeto de cooperação científica entre o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (CECH) da Universidade de Coimbra e a Cátedra UNESCO Archai, com o apoio do Programa CAPES/FCT. Nas breves “Palavras Preambulares” (pp. 11-12) que abrem esta coletânea de estudos, destaca-se o contexto específico (a realização de um seminário luso-brasileiro) que deu origem a esta publicação académica, inspirada nos trabalhos de investigação desenvolvidos sobre a análise crítica do processo de globalização cultural que configurou o mundo antigo, e que teve repercussões inegáveis na construção do que hoje designamos como “Mundo Ocidental”. De uma profícua união entre os estudos clássicos e os da Antiguidade em geral, surgiu esta compilação de 19 estudos que, como referem os editores, foram impulsionados pelo ensejo de “revisitar as grandes Cosmópoles antigas e as múltiplas visões-de-mundo que ousaram configurar” (p. 11), no sentido de se proporcionar uma compreensão mais enraizada do mundo presente e de um futuro que se adivinha. Fazendo jus a este propósito, os 20 especialistas que assinam os ensaios coligidos neste volume tomam como objeto de análise temáticas variadas, referentes a espaços e cronologias distintos, mas ecléticas, porque fruto da influência de uma mesma tradição. Como é evidente, não me é possível analisar o volumoso conteúdo desta obra, capítulo a capítulo, pelo que me limitarei a fazer referências breves aos 19 trabalhos que a compõem e que demonstram a riqueza dos temas e dos autores estudados.

J.M. Zamora Calvo (“Cosmopolitismo entre paganos y cristianos: la escuela neoplatónica de Alejandría”, pp. 13-34) debruça-se sobre o caráter cosmopolita e multicultural da cidade de Alexandria do século V da nossa era, para discutir se, lá e nesse período, o ensino dos “professores” do neoplatonismo dava provas da influência cristã ou dos princípios do platonismo pré-plotiniano.

O estudo de Gabriele Cornelli (Coordenador da Cátedra UNESCO Archai), intitulado “Platão e os Guaranis: utopias transatlânticas na obra *De Administratione guaranica comparata ad Rempublicam Platonis commentarius* de José Manuel Peramás” (pp. 35-46), debate, de forma consistente e bem fundamentada, a questão da influência da utopia política de Platão na polémica obra do século XVIII, do jesuíta catalão que foi missionário no Paraguai entre 1755-1767.

Uma interpretação da figura de Sócrates, nos Diálogos Platónicos, como um “homem animado por *eros*”, constitui o tema do ensaio de Gui-

Iherme Domingues da Motta, que recebe o título de “A figura de Sócrates como amante e guia nos Diálogos de Platão” (pp. 47-64).

Luciano Coutinho (“A recriação do orfismo no *mythos* de Er: a descoberta da escolha do futuro da *psyche* em Platão”, pp. 65-74) sugere convenientemente que, no livro décimo da *República*, Platão recria o relato de Er, sintonizando os elementos órficos com os princípios da sua filosofia.

Aldo Dinucci (“Koinonia cósmica e antropológica em Epicteto”, pp. 75-88), com base em textos de Cícero e de Hiérocles, questiona a adesão de Epicteto ao platonismo, contrariando a ideia de que se trata de um estoicista ortodoxo, tendo em conta os desdobramentos da *oikeosis* que se revelam no ser humano.

O artigo de Antônio Donizeti Pires (“Da natureza cosmopolita de Orfeu”, pp. 89-107) resgata os quatro mitemas fundamentais do complexo mito de Orfeu, salientando o carácter embrionário dos dois géneros literários (épico e dramático) que nele se prenunciam, para demonstrar a componente cosmopolita de um mito que perpassou todas as artes, no âmbito da cultura greco-latina.

Edrisi Fernandes (“Zoroastro, o Grego: Zaratustra na percepção grega e helenística”, pp. 109-131) ocupa-se das importantes relações culturais entre a Grécia e a Pérsia na Antiguidade, para indagar o modo como se processou a receção da figura e dos ensinamentos do profeta iraniano Zaratustra (o grego Zoroastro), no período clássico e no mundo helenístico.

Sobre a figura de Alcibíades, Maria do Céu Fialho (“Alcibíades: mobilidade, complexidades”, pp. 133-147) desenvolve a ideia de que o controverso “itinerário existencial” deste político ambicioso e inconstante converteu-o num “ícone” da crise ateniense, mas com valor simbólico e paradigmático para as sociedades em geral.

Joana Bárbara Fonseca, em “A viagem nas primeiras narrativas latinas: uma perspectiva feminina” (pp. 149-160), estuda o tema da mobilidade numa perspectiva feminina, em duas das primeiras narrativas latinas (*A História de Apolónio Rei de Tiro* e *Satyricon*), centrando a sua análise em *topoi* relacionados com a viagem e o modo peculiar como ela é encarada pelas mulheres em apreço.

Sobre a obra de Petrónio, incide também o ensaio de Delfim F. Leão e José Luís Brandão, intitulado “Macroespço e microespço no *Satyricon* de Petrónio: a narrativa de viagens e a tensão entre espço aberto e fechado” (pp. 161-181), cujo principal objetivo é analisar de que modos se espelha “a mundividência do império romano” (p. 161) num enquadra-

mento amplo, tanto em termos de macroespaço como de microespaço, e que denota, na época neroniana, um certo fracasso do ideal augustano de uma “Roma universalista e aberta” (p. 178).

Danilo Marcondes (“Caminhos da retomada do Ceticismo Antigo no Pensamento Moderno”, pp. 183-195) discute as polémicas questões levantadas pelo ceticismo antigo e a sua receção na Modernidade, concluindo que sempre existiu uma falta de unidade doutrinária, quer no Helenismo, quer nos primórdios do Cristianismo e também na Modernidade.

As questões composicionais de intertextualidade, enciclopedismo e teatralidade, em *As Etiópias*, de Heliodoro, constituem o cerne da análise realizada por Marcus Mota (“As Etiópicas de Heliodoro como cosmologia literária: a dramatização da narrativa e suas implicações hermenêuticas”, pp. 197-207), para demonstrar que no “último dos romances gregos” (p. 204) confluem culturas diversas e diferentes modos de expressão literária.

Em “O romance dramático de Adonias Filho: a mobilidade dos procedimentos” (pp. 209-221), o mesmo A. examina o diálogo crítico que as obras narrativas e teóricas do escritor brasileiro mantêm com a tradição clássica, em especial com o teatro grego antigo e os modos narrativos propostos por Platão.

Miriam Campolina Diniz Peixoto, no estudo intitulado “O Sertão para além do Sertão: antropologia do homem itinerante: uma leitura do *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa” (pp. 223-241), concentra a sua análise no itinerário interior de Riobaldo, procurando demonstrar como essa personagem errante reflete a “tragicidade da condição humana” (p. 240) e como no discurso narrativo se constrói uma cosmópolis que não se esgota no regionalismo do sertão e suas veredas, para alcançar uma dimensão universal.

No estudo “Deslocações divinas em territórios humanos: a arte de enfeitiçar de Natália Correia” (pp. 243-250), Maria da Graça Gomes de Pina retoma a figura mitológica de Circe para analisar o processo de transmutação humana que se opera na história do romance de Natália Correia, *A Ilha de Circe* (1983), tomando como termo de comparação a narrativa homérica.

Numa abordagem de teor filosófico, Maria Luísa Portocarrero recupera a teoria hermenêutica de H.-G. Gadamer (“Hermenêutica filosófica e mobilidade cultural: H.- G. Gadamer e a relevância das categorias de preconceito e fusão de horizontes e formação”, pp. 251-261) para demonstrar como os temas do multiculturalismo e da mobilidade cultural estão,

antropologicamente, implícitos em três conceitos hermenêuticos (“preconceito”, “fusão de horizontes” e “formação”) que fundamentam as reflexões teóricas desenvolvidas pelo filósofo alemão.

O breve estudo de Nicholas Riegel (“Eryximachus and Diotima in Plato’s *Symposium*”, pp. 263-269) foca-se nos discursos de Erixímaco e Diotima, defendendo a ideia de que esse diálogo platónico apresenta uma estrutura “bitetratlógica”, à imagem da estrutura das competições dramáticas das Grande Dionísias.

Evaldo Sampaio discute, de um modo bem fundamentado, a questão da afinidade entre as noções de “direito natural” e “cosmopolitismo”, num estudo intitulado precisamente “Direito natural e cosmopolitismo” (pp. 271-283).

Por fim, Alexandra Santos propõe-se delinear um breve “panorama histórico” sobre a evolução das bibliotecas, deste a protobiblioteca de Alexandria até às contemporâneas “bibliotecas digitais”, concedendo especial atenção àquelas que se têm desenvolvido na área dos Estudos Clássicos e das Humanidade.

Quanto ao aspeto formal, deve salientar-se que cada um dos estudos desta coletânea é antecedido de um profícuo resumo, em versão portuguesa e inglesa, com as respetivas palavras-chave, apresentando ainda notas de rodapé pertinentes para uma melhor compreensão da temática visada e, no final, uma bibliografia seleta atualizada. Integram ainda este volume dois índices (“*Index Locorum*”, pp. 297-301; “*Index Nominum*”, pp. 303-308) que facilitam as possibilidades de consulta.

No seu conjunto, estes 19 estudos proporcionam um volume de agradável leitura, orientado para um público diversificado, preferencialmente académico, que se interesse por matérias relevantes sobre a natureza e os efeitos do processo de globalização cultural que caracterizou o mundo antigo. Destaque-se ainda o poder de síntese e a abundância de informação atualizada de cada estudo, que enriquecem o volume do ponto de vista contudístico e também funcional. A amplitude dos temas tratados em diferentes autores e obras torna esta obra um documento precioso que se impõe, no panorama dos Estudos Clássicos, pela qualidade científica e variedade dos seus estudos, que dignificam tanto os seus autores como os editores.

**MARIA FERNANDA BRASETE**

mbrasete@ua.pt

Universidade de Aveiro, CLLC/CECH

<https://orcid.org/0000-0001-6496-2311>

[https://doi.org/10.14195/2183-1718\\_75\\_9](https://doi.org/10.14195/2183-1718_75_9)